

Euro
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL
EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO
15 DE SETEMBRO DE 1981



capacidade — emprestada ou implantada?



O atleta que participe hoje em competições internacionais sabe que tem de se sujeitar a testes químicos. Servem estes para provar que ele ou ela não se achava sob o efeito de drogas ou de estimulantes a quando da prova.

Medalhas e taças têm sido recusadas a desportistas que não passaram tais testes. Até cavalos são desclassificados quando exames laboratoriais provam que foram drogados antes de corridas.

A pressão contínua de ganhar, alvos cada vez mais elevados, *records* que vão subindo de ano para ano, forçam o atleta a buscar ajuda química para a realização dum sonho dourado.

Trata-se, entretanto, de uma *capacidade emprestada* cujo efeito tem apenas a duração temporária da droga. Dizem, aliás, os entendidos que as dosagens têm de ser continuamente

aumentadas, pois a tolerância do corpo exigirá mais e mais quantidades para a produção do mesmo efeito.

O atleta que usa o recurso de estimulantes químicos, mesmo que não seja denunciado, acabará por perder tudo. A sua glória esvai-se com a eliminação fisiológica da droga.

Séculos antes de vir à tona este problema do cenário desportivo moderno, o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos da cidade de Corinto: "A nossa capacidade vem de Deus" (II Coríntios 3:5).

Como o atleta que na arena está cômico dos *records* a alcançar e vencer, estes cristãos tinham diante dos olhos o que lhes parecia constituir sérias expectativas e requerimentos da lei de Deus. A capacidade natural humana parece ficar muito aquém da tarefa de alcançar alvos tão exigentes. O caminho de Cristo é severo. Ele próprio

apelidou-o de estreito e apertado.

Exige bem mais que o melhor de que é capaz a mente e o esforço humano.

"A nossa capacidade vem de Deus", ecoa o apóstolo Paulo. Esta força de procedência divina, ao contrário da droga dos atletas, não nos é dada por empréstimo. Antes, chamamo-la *implantada*, porque passa a fazer parte íntima



—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

A EDUCAÇÃO NAZARENA

A sabedoria dos nossos fundadores em dar ênfase à educação desde o princípio, mostra como avaliar o contributo da educação nazarena no crescimento da igreja. O Dr. H. Orton Wiley, "grande incentivador da educação nazarena", fez esta observação: "A Igreja do Nazareno tem estado muito interessada desde o princípio na educação da sua juventude. O seu carácter distintivo, o chamado *conceito de santidade como segunda bênção*, tem comissionado a igreja a pregar esta doutrina e experiência; e, portanto, cedo ela reconheceu a necessidade de preparar seus próprios ministros.

"No entanto, a necessidade da obra educativa da igreja ainda encontrou um motivo mais profundo. O Espírito Santo, que começa e continua a obra da santificação no coração dos crentes, também é o *Espírito da verdade*. Por isso, habitando nas almas purificadas do Seu povo, inspira amor à verdade — na natureza, nas relações sociais e nas questões divinas. Daí os fundadores da nossa denominação manterem que a intensa e fervorosa devoção a Jesus Cristo não é obstáculo, como por vezes se considerava, mas uma ajuda ao crescimento intelectual."

Prestemos homenagem aos reitores, administradores e faculdades das nossas instituições de ensino. Reconheçamos a lealdade dos directores escolares às artes liberais, apesar das pressões modernas para cursos baseados na vocação. De igual modo louvemos o corpo docente do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City e os Colégios Bíblicos Nazarenos à volta do mundo com programas bíblicos baseados na teologia wesleyana para capacitação especializada do ministério.

Louvemos nossas faculdades pela sua ênfase e lealdade aos altos princípios de conduta e carácter cristãos. O ambiente criado pelos cultos de capela, reavivamentos e doutrina bíblica proporcionam aos estudantes excelente oportunidade de crescimento espiritual aliada a boa formação académica. Exaltemos, também, a lealdade dos reitores à nossa denominação que produz obreiros fiéis à igreja — ministros e leigos — e, assim, garantem liderança ponderada para hoje e para o futuro.

É essencial o nosso apoio constante às instituições educacionais nazarenas, tanto faculdades como igreja. A ajuda deve ser tripla:

1. Recrutamento de estudantes.
2. Contribuições orçamentais.
3. Orações e apoio moral.

e contínua do nosso ser. Afecta permanentemente as moléculas do espírito humano. Não nos é dada para uns segundos de façanha numa pista desportiva, mas para uma vida de êxito consistente.

Perguntou-se ao famoso tenor Luciano Pavarotti que notas musicais lhe eram mais difíceis de cantar. Para surpresa de muitos, o tenor italiano respondeu:

"As médias". Essas é que mostram a qualidade, a firmeza, o equilíbrio e o comando do artista.

Drogas químicas podem estimular os músculos e levá-los a breve glória, antes dum espasmo angustioso. Mas a capacidade de Deus — interna e eterna — leva-nos a ser conscientes, equilibrados e vencedores na maior competição do universo: a que derrota as forças destruidoras do mal e nos garante vida genuína. □

—Jorge de Barros

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X

15 de Setembro de 1981

Número 18

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

CAPA:



Foto por J. B.



o mestre e a verdade

Não é por acaso que, através da história, o Cristianismo se tem relacionado com a educação. Desde o princípio dos ensinamentos de Jesus, ele tem permanecido como religião de ensino e de mestres.

Os evangelhos, única fonte de informação da vida de Jesus, mostram claramente que Ele próprio se considerava Mestre. Cristo "os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas" (Mateus 7:29). Através do Evangelho de Marcos, Jesus é apresentado como o Mestre. Além disso, a designação de Jesus como Mestre aparece na maior parte das passagens apropriadas.

Por exemplo, em Marcos 4:38, a quando duma tempestade no mar da Galileia, Ele é chamado "Mestre". Outros casos semelhantes se destacam no evangelho.

Em tais circunstâncias, se queria uma pessoa com poder sobrenatural, seria óbvio chamar-se alguém com poder extraordinário e não um mestre segundo o nosso conceito de educador. Mas, ao contrário do que podíamos esperar Ele é chamado "Mestre".

Mais importante, porém, é que Jesus Se designou assim. Quando enviou os discípulos para prepararem a festa da Páscoa, mandou dizer ao dono da casa: "O Mestre diz: Onde está o aposento em que hei-de comer a Páscoa com os meus discípulos?" (Mateus 14:14). É evidente a importância da designação de Cristo como "Professor". Esta circunstância é digna de nota, sobretudo, no Evangelho de Marcos que registra vários ensinamentos de Jesus.

Nele sobressai o carácter e o conteúdo da doutrina do Mestre. Quanto ao primeiro, Ele ensinou com autoridade. Um requisito essencial para a autoridade é a veracidade. Infelizmente, tanto no passado como no presente, tem havido mestres que ensinam doutrinas falsas. Certos problemas da Igreja Primitiva baseavam-se nas pressões dos falsos mestres dentro da própria comunidade cristã. Na primeira carta, ao falar de como discernir os espíritos, o apóstolo João aconselhou: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (1 João 4:1). Cristo foi claro ao referir-Se à fonte de Sua autoridade: "As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (João 14:10).

Outro aspecto importante nos ensinamentos e obras de Jesus é a Sua consistência. Ensinou a amar o próximo como a nós mesmos. Terá alguém dado exemplo mais nítido de amor altruísta? Precisaremos que alguém nos lembre que Ele desempenhou o papel de Servo em toda a plenitude? Ensinou que a maior prova de amor consiste em dar a vida pelos amigos. Poderá alguém negar a escolha voluntária de Cristo em derramar Seu sangue no Calvário? Ele não só ensinou a verdade, mas também a viveu no dia a dia.

Finalmente, Jesus não só foi Mestre que ensinou a verdade e a viveu, mas também o conteúdo dessa verdade. Em resumo, Ele é a verdade. Por isso, a verdade não pode ser vista apenas como um



—H. T. Reza

para que estudar?

Alegro-me que a pergunta seja “Para que estudar”, em vez de “Por que estudar?” Pois no primeiro caso tratamos de objectivos; e, no segundo, de razões.

Um pai dizia com orgulho: “Eu nunca fui à escola e, no entanto, não morri à fome”. Possui gado, casas, amigos e outros haveres. Mas a impressão dada é que se deve estudar para “ter

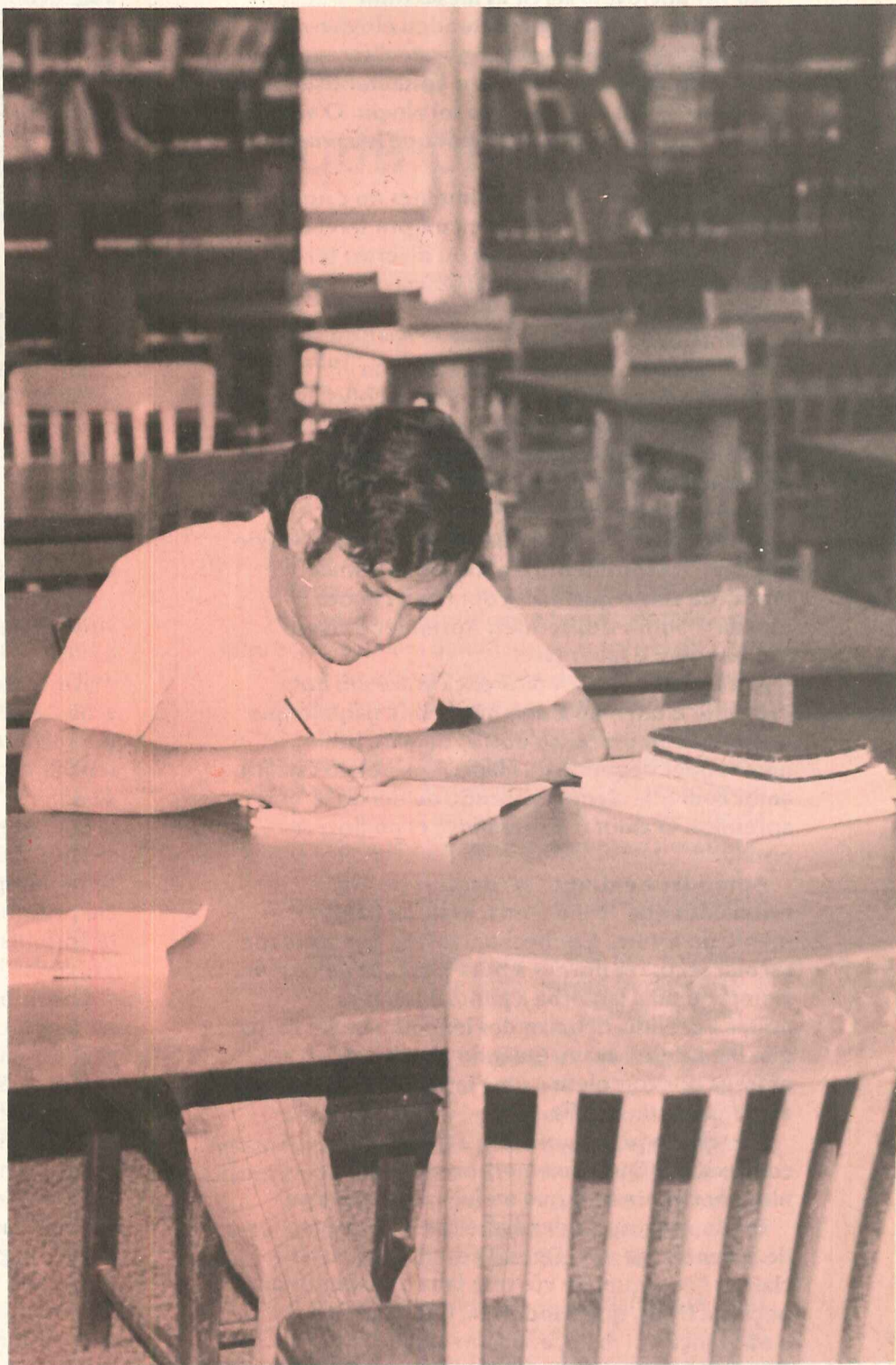
conjunto de abstracções filosóficas ou última firmeza. A identificação total da realidade suprema com uma Pessoa concreta, transforma por completo o significado efectivo que determina a verdade. Cristo reúne a totalidade destas ideias numa Pessoa histórica, com evidente realidade concreta (I João 1:1). Desta forma, seguir a verdade suprema é encontrar Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo apresentou o alvo da verdade com terminologia diferente, mas com o mesmo significado essencial: “Ninguém se engane a si mesmo; se alguém, de entre vós, se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia. E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são vãos” (I Coríntios 3:18-20).

É por isso que o conceito de faculdades cristãs tem vigência actual. Os líderes da Igreja mostraram grande sabedoria no começo da nossa denominação ao estabelecerem escolas cristãs firmadas nos princípios bíblicos de que, no prosseguimento da verdade, o alvo da educação está ligado ao conhecimento da Verdade Suprema, Jesus Cristo. As palavras quase proverbiais de Dean Munro, quanto a não existir contradição entre ensino superior e espiritualidade profunda, citadas e comentadas por inúmeros educadores cristãos, têm seu fundamento na certeza de que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. □

—Kent Brower

Foto por José Pacheco



coisas" — para acumular riquezas. Foi difícil a esse homem adaptar-se à ideia dos filhos frequentarem uma escola.

Por outro lado, há pessoas que por terem certos cursos escolares ou determinado título, olham com desprezo para os que trabalham como artífices ou carecem de preparação acadêmica.

Ao ver um jovem servir às mesas dum restaurante, certo amigo pretendeu elogiar-me dizendo: "A universidad faz grande diferença; por isso aquele moço trabalha num restaurante e tu num escritório". Para mim isso não foi elogio. O valor de alguém não se mede pelos livros que leu, mas pelo que é e faz.

Admito que há coisas deprimentes no estudo: levantar cedo para ir à escola; cumprir tarefas quando se preferia descansar ou divertir; ter de fazer exames; enfrentar as exigências dos professores e das aulas.

E para quê?

Para receber uma folha de papel com o carimbo da escola e a assinatura dos oficiais.

No entanto, também isso é errar o caminho. Ir à escola é aprender, bem como cumprir os requisitos da classe.

E que é aprender?

Aprender é viver. Você ainda não ouviu o adágio que diz: "O sofrimento é o mestre que mais ensina na vida e que mais cobra pelas lições que dá"? Sofrer é aprender. Aprender é viver. Melhor dito, é saber viver.

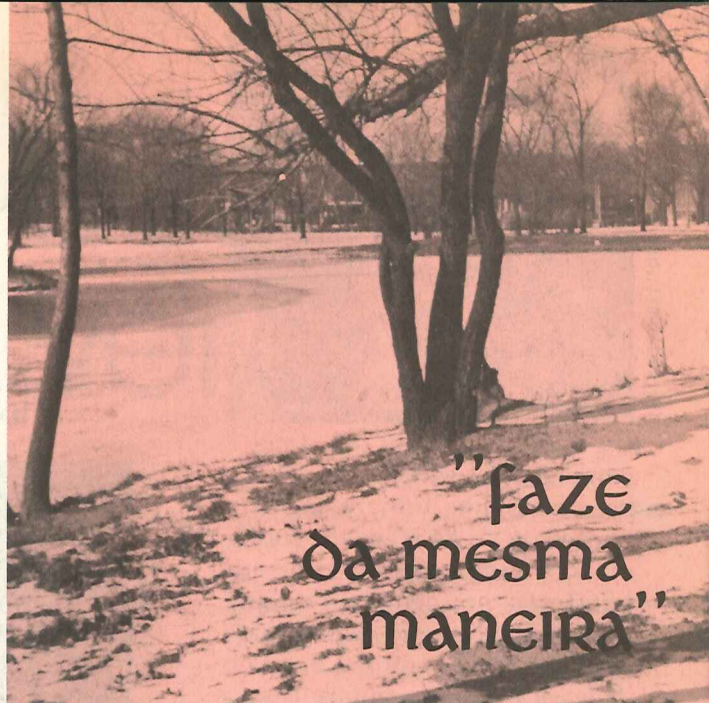
Aprender é amar. A diferença entre um bom professor e um mau aluno não reside naquilo que um possa comunicar ao outro; nem no título; nem sequer depende da idade. Tão-pouco está no amor com que alguém aprende ou deixa de aprender. O amor é transmitido; e, no processo, ensina.

Aprender é entregar-se, dedicar-se. Há estudantes que vivem com o nariz na página e a mente no futuro. Conheci um jovem que na idade escolar recusava dormir à hora marcada pelos pais. Comprou uma lanterna a pilhas e todas as noites a acendia debaixo dos lençóis para ler livros que lhe interessavam. Quando alguém se entrega por completo a uma tarefa, executa-a com alegria e sente-se feliz.

Não quero prosseguir com a expressão conhecida: "Quando eu era jovem". Pois a ninguém interessa o que eu fui, mas o que sou.

Finalmente, aprender é abeirar-se da fonte de aprendizagem — Deus. O escritor bíblico declarou: "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá, liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada" (Tiago 1:5).

□



Há anos recebi uma carta que me deixou triste. Comentava um artigo que eu escrevera sobre o amor cristão. Nela, alguém de Lisboa perguntava: "Acha que o que escreveu ainda vigora em nossos dias? Então, por que estou no hospital e não há quem me venha visitar, careço de roupa e ninguém tem compaixão, passo mal e toda a gente se esquece de mim?"

Essa pessoa fora membro de uma congregação evangélica, mas certas desavenças a levaram a afastar-se da igreja.

Desconheço até hoje aonde chegavam suas reivindicações e quem tinha razão; mas, no tom de sua carta, havia coerência com as palavras de Jesus: "Tive fome, e não me destes de comer, tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes" (Mateus 25: 42-43).

O diálogo entre o divino Mestre e o doutor da lei — mencionado no Evangelho de Lucas (10:25-37) — tem por epígrafe "a parábola do bom samaritano". Ela resultou duma explicação do Senhor à pergunta formulada pelo doutor da lei: "Quem é o meu próximo?"

Quando a sabedoria humana parece ter chegado ao auge, esta pergunta fica sem resposta no coração de muita gente. No caso do ferido pelos salteadores, só o samaritano — um estrangeiro — sentiu compaixão. Os compatriotas, com mais possibilidades, passaram adiante. Fecharam os ouvidos ao apelo do necessitado.

Porém, o samaritano debruçou-se à beirada do caminho, "atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele" (Lucas 10:34). Não olhou a consequências ou riscos. No sermão da montanha, Jesus declarou: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem" (Lucas



6:27). Evitemos que amarguras ou discórdias passadas nos estorvem de praticar o bem.

Recordo ter lido algures esta ilustração. Em 1567, após a rebelião dos Países Baixos, Felipe II de Espanha encarregara o Duque de Alba de os dominar e governar. Fê-lo perseguindo aqueles que tinham abraçado a Reforma. Esse período ficou conhecido na história como "reinado de terror".

Entre os condenados à morte encontrava-se um protestante chamado Dirk. Conseguiu fugir para salvar a vida. No seu êncalço correu um polícia encarregado de o recapturar. Havia entre ambos certa distância. Inesperadamente surgiu à frente dos homens um lago coberto de gelo. O fugitivo atravessou-o com muito cuidado, mas quando o polícia tentava fazer o mesmo, o gelo quebrou e ele afundou-se. Não havia quem o pudesse salvar. Por certo teria morrido afogado se o homem perseguido continuasse sua marcha. Entretanto, de longe, Dirk olhara para trás e pôde adivinhar a aflição do inimigo. Regressando, atirou-se à água e arrastou o polícia para terra, com perigo da própria vida. Este, em sinal de gratidão, já não queria prendê-lo. Mas chegara de surpresa outro guarda que lembrou ao primeiro seu juramento. Então Dirk foi algemado.

No dia 16 de Maio de 1569 esse cristão — fiel seguidor do Mestre e "bom samaritano" — foi condenado e morreu na fogueira. Sofreu as consequências de ter socorrido o inimigo necessitado. E estas foram fatais. Seríamos nós capazes de imitar Dirk em idênticas circunstâncias? Jesus aconselhou: "Vai, e faze da mesma maneira" (Lucas 10:37).

O homem que se fecha dentro do seu egoísmo, definha. Amar o próximo, inclusive o inimigo, significa coração e olhos abertos à indigência alheia. O verdadeiro amor não é invejoso nem conhece fronteiras. "Amai-vos cordialmente uns aos outros, com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros" (Romanos 12:10). □ —Acácio Pereira

vivem os cristãos aquilo que professam?

—Richard Taylor

Recentemente, ao discutirem-se alguns aspectos da santidade, alguém perguntou: "Vivem o que professam as pessoas que crêem na santidade?" A discussão que se seguiu tornou-se incômoda. A razão é que ainda temos a tendência de confundir *pureza* com *maturidade*.

A santidade de coração consiste num espírito de obediência e de devoção, num ajustamento interior à vontade de Deus. É, sobretudo, uma vida escondida em Cristo, a qual deve ser vivida no íntimo antes de ser visível. Só Deus pode responder à pergunta: "Está você a viver em santidade?"

Mas a vida de santidade é tanto externa como interna. Esta é uma qualidade perceptível do espírito e uma forma de nos relacionarmos com a família, os negócios e o mundo inteiro. Como actua a santidade no lar? Como faz seus negócios uma pessoa santificada? Como reage às tensões, desgraças e sofrimentos da vida? Estas são áreas visíveis em que os outros podem ver a medida da nossa fé. Então torna-se premente a pergunta:

Vivem os cristãos a santidade que professam?

Desta pergunta surgem três implicações: a primeira é certa; a segunda, parcialmente certa; e a terceira, errada.

1. *A verdadeira santidade é a interior que, quando genuína, dará forma e estrutura à vida exterior. Se o amor está acima de tudo, surgirão relações amigáveis. Não pode haver divisão entre o coração e a forma como decidimos viver. É impossível harmonizar-se a impiedade exterior à santidade interior. Em Mateus 7:17 Jesus declarou: "Toda a árvore boa produz bons frutos".*

2. *A segunda implicação — parcialmente certa — é mais complicada. Consiste em haver uma regra para a vida de santidade suficientemente fixa*

e identificável que os observadores possam classificar.

A dificuldade reside em não haver acordo quanto a essa norma. A unanimidade diz que se deve situar no nível mais elevado: uma pessoa santificada é honesta, pura e devota. Mas, além disso, há declarações contra essa norma.

Para uns, ela inclui a felicidade perpétua. Para outros é a liberdade de reagir quase perfeitamente perante as diferentes circunstâncias da vida. Ainda para outros consiste em ética impecável nos negócios: rejeição de lucros e um estilo de vida austero e pobre.

Não falta quem inclua na santidade a aparência pessoal. Criam-se, então, maiores complicações e subdivisões.

Portanto, a resposta à pergunta do título será determinada pela norma de santidade de cada indivíduo. E esta pode ser errada, se a sua norma é falsa.

Talvez a nossa escala de valores seja suficientemente precisa para determinar quando orar. Contudo, se insistimos em alimentar o computador com demasiada informação específica (coisas que temos em grande estima), em breve ficará sobrecarregado e começará a transmitir respostas erradas.

3. *A terceira implicação é sempre falsa.* É a hipótese da santidade interior se converter imediatamente em ética impecável. Essa teoria elimina o tempo existente entre a crise da inteira santificação e um estilo de vida exemplar. O exterior deve mudar ao mesmo tempo que o interior; de outra forma, duvida-se de tal mudança.

Isto origina certa confusão entre a santidade e a maturidade. O resultado inevitável é a falta de perspectiva adequada da crise e do processo na vida cristã.

Algumas características exteriores que se relacionam com a vida de santidade têm valor real. Os anciãos consideram quase sempre com seriedade o que se relaciona com a cultura e o estilo de vida. Os jovens olham-no com indiferença. Havendo lacunas na visão, também as haverá na conformidade. Certos pormenores só com o tempo se distinguem claramente.

Podemos resumir o exposto em três fases: 1) A vida de alguém é tão irrepreensível exteriormente que os outros dizem: "Ele vive aquilo que professa"; enquanto Deus vê a corrupção do seu coração e que a sua santidade é fingida. 2) Deus vê um coração santificado, ao passo que os outros têm-no como inconstante e pedra de tropeço. 3) A santidade interior, quando genuína, moldará progressivamente a personalidade e o estilo de vida, até à semelhança com Cristo — sinal evidente de um carácter cristão íntegro. □

O DÍZIMO É PARA HOJE

—Earl C. Wolf

5



UM RECONHECIMENTO DE SOBERANIA

O dízimo é um reconhecimento de soberania. Que Deus é Dono inalienável de tudo e que o homem é seu mordomo, é tão verdade para o cristão sob a graça como o foi para o judeu devoto sob a lei. Deus é tanto Senhor na época da exploração espacial como o foi no tempo antigo de Israel.



O Salmista declarou: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam" (Salmo 24:1). O Dr. W. T. Purkiser escreve: "Aqui está compreendida a mensagem do evangelho a toda a criatura, em toda a parte e para todas as épocas". Na I Epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo deu ênfase a esta realidade: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço" (6:19-20). Phillips diz: "Fostes comprados, e a que preço!" (6:20).

Os escritores do Velho Testamento viram os direitos de Deus sobre a vida do homem à luz da criação. Os autores do Novo Testamento viram-nos à luz do Calvário. Paulo disse aos romanos: "Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Foi para isto que morreu Cristo, e tornou a viver: para ser Senhor, tanto dos mortos, como dos vivos" (14:8-9).

Na primeira carta, Pedro escreveu de forma semelhante: "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vos-

sos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (1:18-19). O hinólogo transmitiu nestas linhas a mesma realidade:

*Devedor à tua graça,
Cada dia e hora sou;
Teu desvelo sempre faça
Com que eu ame a Ti, Senhor.*

Num livro sobre a mordomia, Milo Kauffman declara: "Alguém disse que cada cheque de pagamento é um novo Éden. Reconhecemos nós a soberania de Deus e Seus direitos como parte de Seu propósito? Ou consideramos nossas todas as árvores do jardim?"

E. Stanley Jones escreveu: "O dízimo é um sinal — uma prova que você não é dono, mas devedor. Assim como você paga renda — sinal de que reconhece o senhorio de mais alguém — também com o dízimo reconhece a soberania de Deus sobre os nove décimos". Visto desta forma, o dízimo não limita a oferta, mas ajuda-nos a ser mais produtivos e responsáveis na nossa mordomia. Como foi dito: "Isto não dividirá as nossas posses em duas porções — mesmo sendo iguais na medida — para dizer: Esta pertence a Deus; e aquela é para mim. Ambas são de Deus e devem ser administradas por Ele. No dispêndio de ambas deve existir a mesma finalidade de O servir".

Alguns vêem o dízimo como um meio legal de dar. Outros pensam nele como se assumissem um contrato financeiro com Deus, uma maneira de limitar a oferta. Porém, estas atitudes falham no reconhecimento da soberania de Deus quanto à vida e recursos. O Seu direito abrange não só um décimo, mas também os outros nove.

SETE PRINCÍPIOS DE SOBERANIA

Arthur T. Pierson resumiu, assim, os princípios de soberania:

Visto com honestidade, é discutível se existe algo a que se chame "doações liberais", uma vez que um "devedor", um "administrador", um "mordomo" — termos próprios de Deus para as Suas criaturas — não pode fazer qualquer "doação", mas apenas pagar "dívida", ser administrador, executar uma comissão.

Esta verdade é drástica, mas é o remédio de Deus para a doença mortal da ganância, sintoma do egoísmo. O ensino da Palavra de Deus é inequívoco e pode ser exposto resumidamente nas sete "teses" tiradas de Lutero:

1. Deus é dono das coisas e das criaturas; e nunca aliena ou transfere Seu domínio.
2. Deus tem direito sobre nós, com tudo o que somos e temos, por Sua criação, preservação, redenção e doação.
3. Deus ensina que o alvo da vida, em cada pormenor, é viver não para nosso prazer e proveito, mas para Sua glória.
4. Todo o homem deve amar e promover o bem-estar dos outros, mesmo quando se ama e protege a si próprio.
5. Tudo que possuímos como administradores deve ser usado para servir fins mais elevados, altruístas e duradouros, na glória de Deus e bem do próximo.
6. A vida suprema de luz e de amor, de obediência e de privilégio, de honra e de bênção, é andar no centro da vontade de Deus.
7. Ofertar é um dos privilégios mais nobres. Nas ofertas



Foto por J. B.

multiplicamo-nos a nós mesmos, como uma nascente abastece vários rios. Nenhum avaro pode ser feliz, pois o verdadeiro propósito de receber é repartir.

SOMOS APENAS ADMINISTRADORES

Diz-se que Paulo só conhecia duas datas no seu calendário: "Hoje" e "aquele dia". Hoje era para ser empregue em serviço e adoração; *aquele dia* era o tempo designado para prestar contas. Todo o homem é procurador. Não importa a quantia de que tenha sido incumbido. Quer sejam dez ou dez milhões, ele é um administrador. A riqueza que possui não afecta de modo algum a natureza da sua responsabilidade. Chegará o tempo em que todos prestaremos contas da nossa administração. Portanto, vivamos responsáveis dia após dia.

Num domingo de manhã, no princípio do seu ministério, o bispo Edwin H. Hughes pregou sobre a veracidade da soberania de Deus e da mordomia do homem. Deu ênfase às palavras de Paulo: "Não sois de vós mesmos" (I Coríntios 6:19). Depois do culto, um importante homem de negócios da sua congregação levantou-se e saiu do santuário, sem as palavras habituais de apreço e estímulo ao pastor pela mensagem.

Na segunda feira de manhã cedo o pastor recebeu um telefonema desse paroquiano, a convidá-lo para uma pequena viagem. O pastor aceitou de boa vontade. O carro de luxo atravessou a cidade e parou, finalmente, nos arredores onde se construía um novo bairro de casas. As estruturas eram dos modelos mais recentes, tinham mobílias finas, estavam bem construídas e em paisagens de grande beleza.

O homem de negócios que falara relativamente pouco durante a viagem, enquanto admirava o bairro perguntou ao pastor: "Quem é o dono de todas estas moradias?"

Vendo no primeiro plano um grande letreiro com o nome do seu paroquiano, o ministro disse: "Posso fazer-lhe uma pergunta antes de responder — de quem serão elas daqui a 100 anos?"

O homem de negócios, cuja mente ficara perturbada com a mensagem do pastor no domingo de manhã, concluiu: "Sim, agora vejo". Possamos nós ver esta verdade a tempo de ser mordomos fiéis de todas as dâdivas de Deus.

Não só na economia agrícola de séculos passados, mas também na época espacial, a mordomia tem validade. O milagre da criação de Deus e o Seu direito permanente de soberania são assim ilustrados:

Certa faculdade de estudos agrícolas fez um apanhado das coisas que se empregaram na produção de 100 alqueires de milho em meio hectare de terreno. O homem contribui com o trabalho. Deus concorreu com várias coisas: cerca de 1.800.000 litros de água; uns 3.200 litros de oxigénio; 2.400 quilos de carbono ou 8.200 de monóxido de carbono; 73 quilos de nitrogénio; 57 de potássio; 18 de fósforo; 34 de enxofre; 23 de magnésio; 23 de cálcio; 908 gramas de ferro; além de pequenas quantidades de iodo, zinco, cobre. Cem alqueires de milho! Quem os produziu? De quem são?

JUSTIÇA AOS POBRES

—W. E. McCumber

Num dos seus livros, o rabino Roberto Kann relata: "Certo homem místico costumava ficar só na sinagoga depois de todos saírem.

Lia seu livro de orações à luz duma vela e, à meia noite, intercedia a Deus na esperança de ouvir a voz divina em resposta à sua súplica. Uma noite o Senhor disse-lhe: "Filho meu, ouvi tuas orações. Que desejas? Pede e te será concedido".

Chorando de emoção, o místico exclamou: "Não desejo coisa alguma; apenas pretendo a bênção da Tua presença". Então Deus respondeu com voz de trovão: "Porventura, não conheces alguém faminto?"

O Deus da Bíblia preocupa-se com os pobres. Desaprova toda a espécie de santidade que ignore os famintos e os que sofrem. O Senhor espera que o Seu povo demonstre interesse — ore, trabalhe e dê a fim de aliviar a carga dos pobres.

No idioma hebraico não existe a palavra "caridade" como nós a compreendemos. Ouvi esta explicação pela primeira vez na aula de aprendizagem dessa língua. Desde então tenho-a ouvido noutras ocasiões. Ser compassivo com os pobres era assunto de *justiça* e não de *caridade*. A obrigação de ajudar residia nos direitos do necessitado, não nos impulsos do privilegiado.

Sob este conceito de justiça pôs freio à opressão. Mais tarde a dignidade e a personalidade dos pobres foram assim salvaguardadas.

A caridade pode ser administrada de forma humilhante para a pessoa que a recebe, mas ninguém se sente humilhado ou envergonhado quando se lhe faz justiça.

O Cristianismo herdou esse ponto de vista hebreu. O nosso Deus proclama-Se defensor dos oprimidos e dos pobres. Declara-se inimigo do egoísmo. O amor que ajuda o necessitado, quando é genuíno, não considera vítima o beneficiário, com o fim de estimular o eu do benfeitor. Antes, reconhece que todos pertencemos ao Senhor e, também, uns aos outros. Devemos a Deus e a nós próprios a justiça que resgata o homem da pobreza. □



1980-85

—Joaquim A. Lima

O título “A Santidade Cristã Avança” é o lema da nossa Igreja para o quinquênio 1980-1985. E que lema desafiador!

No contexto do mundo que nos cerca, temos um cenário que parece empenhar-se em declarar guerra a esse lema, proposto pela XX Assembleia Geral da Igreja do Nazareno. Contemplamos a cada instante quadros que são diametralmente opostos à santidade de Deus. O pecado avança velozmente em sua destruição. A violência domina. O ódio espreita. A insensibilidade impregna o ambiente humano. A maldade domina em todas as áreas imagináveis. A indisciplina ronda e invade todas as camadas. A falsidade age, envolta em subterfúgios. A hipocrisia domina e assalta os ambientes mais refinados. Motivos e alvos baixos são postos em prática sem arrepios. Torna-se comum o ceticismo quanto à possibilidade de um andar nos moldes da exigência de Deus a Abraão (Gén. 17:1). Este é o triste cenário dos nossos dias!

Diante do panorama que nos envolve, que a Santidade no viver diário, no nosso cantar e nos nossos púlpitos, avance e conquiste corações desfigurados e enegrecidos pelo pecado. Que estabeleça um novo padrão de vida. Que extirpe do coração do homem toda “prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, glotonarias e coisas semelhantes” (Gálatas 5:19-21).

Que a santidade avance e produza “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio; sabendo que contra estas coisas não há lei que nos condene” (Gálatas 5:22-23).

A Santidade Cristã deve avançar. É a mensagem das Escrituras Sagradas. É a nossa mensagem! Apresentemo-la como nossa herança e como meio de vivermos em vitória num mundo em decadência moral e espiritual. Apresentemo-la de forma atraente, natural. É uma herança agradável, sublime.

Que avance em nós e conosco. Que avance com o nosso ministério pastoral! □

prece dum professor

—Ethel L. Herr

Senhor, dá-me a perspectiva de ver a minha classe da Escola Dominical como a minha missão primária na igreja; de me aproximar dela como se o futuro de todo o corpo de Cristo dependesse da experiência aprendida pelos alunos.

Ajuda-me a estar envolvido social, emocional e espiritualmente com os meus alunos; a amá-los da maneira como Tu os amas.

Dá-me coragem para avaliar, através do ensino de outros a minha competência.

Ajuda-me a ser pontual não só nas manhãs de domingo, mas também na minha preparação semanal, para que possa transmitir a lição com entusiasmo.

Mostra-me como criar uma atmosfera atraente na classe; e fazer com que os alunos levem para casa uma perfeita imagem Tua.

Cria em mim uma forte curiosidade a respeito de Ti, do mundo e da Tua Palavra; de procurar a Verdade e, depois, conduzir os alunos pelos trilhos excitantes das descobertas feitas.

Desenvolve a minha visão enquanto conservo os olhos, os ouvidos e o coração atentos à vida, de modo a ajudar os alunos a aprender verdades reveladas e a envolvê-los em experiências que mudam a vida.

Ensina-me a apresentar-Te como um Deus que Se interessa — não apenas por pessoas — mas também pela qualidade; e a desfazer o mito de que Tu és distante e insensível, usando para isso a minha experiência, material e métodos.

Dá-me fé para aguardar os resultados — talvez não hoje, ou mesmo nesta vida, mas na eternidade.

Lembra-me de alimentar diariamente a minha própria alma, de orar sempre por meus alunos, pela classe e por todos os que estão envolvidos no ensino.

Senhor, dá-me, finalmente, coragem de resistir a toda a tentação de aceitar uma outra grande responsabilidade que me possa impedir de dar o melhor contributo a esta classe. Amém. □

o discipulado

—David Losey

Na época de Cristo, era o jovem que procurava a forma de se relacionar com o professor que preferia. A contrastar esse costume, Jesus "chamou" Seus discípulos. Por um lado o Mestre pedia: "Vinde após mim" (Mateus 4:19); e, por outro, dava-lhes a oportunidade de aceitarem ou rejeitarem a chamada. A Sua atitude foi idêntica ao dizer: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Cristo convidou os discípulos com o mesmo anelo que quando convocou às bodas toda a humanidade. Tinha muito que oferecer e desejava profundamente uma resposta positiva.

Para compreender o impacto da chamada de Cristo que urgia a segui-LO, é necessário estar consciente de suas implicações. Os que aceitaram o convite estavam a empenhar-se numa empresa a longo praso, pois não se tratava de actividade passageira. A decisão era transcendental: continuar simples pescadores de peixe, ou converter-se em pescadores de homens.

Os discípulos perceberam o que Cristo desejava: a entrega total de suas vidas. Qualquer outra exigência era secundária, quer fosse família, negócios ou amigos. A decisão de seguir o Mestre significava, literalmente, ir aonde Ele fosse, como compromisso espiritual (crer e obedecer). "Seguir" relaciona-se com a salvação. Cristo nunca chamou alguém para simples companheiro. O Seu convite pressupõe aceitá-LO como Senhor e Salvador.

No Novo Testamento não se encontra a forma substantiva do verbo "seguir", pois este indica acção. Há quem tenha feito deste conceito motivo de análise e dis-

cussão. Mas não basta compreender o que é e faz um seguidor. Saber as regras de qualquer jogo não nos torna desportistas. Convertemo-nos em discípulos (verdadeiros seguidores) quando seguimos Cristo. Não existem discípulos passivos, todos seguem activamente o Mestre.

Os quatro homens que primeiro foram chamados, decidiram seguir Jesus. Responderam à chamada e aceitaram a oferta da salvação. Creram n'Ele como Senhor e Salvador. Concordaram com a nova tarefa de pescadores de almas.

A metáfora empregada parecia um jogo de palavras sem importância para o Mestre. Poderia Ele convencer esses homens, cujo viver dependia da pesca, a tornarem-se pescadores de homens? Havia algo mais. A ideia de Cristo era muito mais ampla. O Deus do Velho Testamento actuava sempre em busca do homem. Os judeus acreditavam que o Messias continuaria essa obra redentora. "Pescar homens" consistia em participar na sua redenção, em salvá-los do pecado. O tempo urgia. Deus viria julgar o mundo. No entanto, ainda haveria oportunidade de salvação.

Por isso, existia certa urgência na chamada de Cristo. Ele queria que os homens O seguissem imediatamente. Convidava-os a participarem na Sua obra redentora. A urgência levou-os a deixar as redes e a seguir Jesus. "Pescar" almas, com Cristo, não se pode comparar a apanhar peixes.

Deus usou esses homens para pescar almas. Foram os líderes da Igreja Primitiva. Ainda hoje, ao ler e estudar a Bíblia, sentimos a sua influência. Seguir a Cristo é participar na salvação do mundo.

Qualquer que seja a nossa pro-

fissão, não se equipara à pesca de almas, a qual é a chamada em acção. Não se pescam almas com atitude passiva — ouvindo o pastor ou assistindo à Escola Dominical. Para pescar almas é preciso instar com outros, apresentar-lhes a oferta divina da salvação: "Vem, segue a Cristo". □





Foto por José Pacheco

trinta mil palavras por dia

—David K. Kline

“Se você gosta de conversar”, declarou o locutor, “diz pelo menos 30.000 palavras por dia.”

Cheguei mentalmente ao fim do meu discurso e tirei algumas conclusões. Se essas palavras fossem impressas, num só dia poderiam formar um livro de tamanho regular. Durante a vida esses livros dariam para organizar uma grande biblioteca. Todos seriam do mesmo autor. Reflectiriam por palavras próprias sua vida e pensamento. Nenhum deles poderia ser retirado das estantes ou da circulação.

Esta ideia atemoriza! Recorda-nos a responsabilidade do dom da palavra, o privilégio duma linguagem temperada com o sal da graça (Colossenses 4:6). É provável que o dom da língua seja o de maior poder para bem ou para mal. Já ouviu o testemunho de seu amigo: “As tuas palavras levantaram os que tropeçavam” (Jó 4:4). Boa repreensão para aqueles cujas palavras desanimam o próximo com desavenças, suspeitas e tribulações!

Quase todas as pessoas falam muito. Raramente o notamos e, às vezes, tarde demais e com prejuízos irreparáveis. O Salmista exclamou: “Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca: guarda a porta dos meus lábios” (Salmo 141:3).

Foi perguntado a uma senhora estimada na sua comunidade qual a fórmula de fazer e conservar amigos. “Bom”, respondeu, peso sempre as minhas palavras antes de as pronunciar com os lábios.”

“Do que há em abundância no coração, disso fala a boca” (Mateus 12:34). “Sobretudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Provérbios 4:23). “De toda a palavra ociosa que os homens disserem, não-de dar conta no dia do juízo” (Mateus 12:36).

Nos tribunais muitas pessoas empalidecem ao ouvir gravações de suas próprias palavras. Mas suas almas tremem ao saber que todas as palavras desde criança até à morte foram e serão anotadas pelo anjo do Senhor.

Mais melodiosas que a música e mais importantes que os discursos de estadistas são para Deus as conversas de Seus filhos quando falam do Pai celestial e de coisas referentes ao espírito. Tudo será registrado no seu “memorial escrito” (Malaquias 3:16).

No livro da vida figurarão todos os indícios de conspiração, calúnia, falsidade, palavras obscenas, blasfêmias.

O dom da fala é um privilégio extraordinário. Que belo tributo ao seu Dador apresentarmos diariamente, na biblioteca celestial, um volume de trinta mil palavras dedicado à honra e glória de Deus! □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



ENTRAM EM VIGOR DECISÕES DA 20a. ASSEMBLEIA GERAL

Entre as de maior significado:

- Fixou-se em dois anos a chamada básica dum pastor, ministro ordenado.

- Proveu-se para que a igreja local outorgue ao seu pastor uma chamada indefinida, com uma revisão quadrienal feita pelo superintendente do distrito e pela Junta da Igreja.

- Qualquer igreja local tem opção (onde o governo do seu país o permitir) de estabelecer desde escolas infantis até secundárias.

- A Juventude Nazarena Internacional ampliou a idade de membresia de 12-23 anos para 12-29.

- Ordenou-se que a assistência às classes de extensão sejam completamente separadas da Escola Dominical.

- Mudou-se o nome do Departamento de Pensões e Benevolência para Pensões e Benefícios.

- Mudou-se o nome do Departamento de Missões Domésticas para Extensão da Igreja.

- Reconheceu-se a Junta de Administração do México como Junta Executiva da Igreja do Nazareno nesse país.

- Modificou-se a restrição de idade para a ordenação, que era de 50 anos, no caso dum ministro licenciado que tenha completado o curso de estudos e pastoreado durante 15 anos.

- Estabeleceram-se 15 regiões mundiais — eliminando a designação anterior de "zonas".

- Os membros da Junta Geral serão agora escolhidos em comitês de cada região e ratificados por voto de "sim" ou "não" da Assembleia Geral.

- A fim de facilitar a reorganização, os parágrafos relacionados com a organização da Junta Geral são eliminados do *Manual* para o quinquênio de 1980-1985 e incluídos no regulamento da Junta Ge-

ral. As novas unidades de organização da Junta Geral passam a ser "divisões". A Assembleia Geral de 1985 deverá autenticar as mudanças.

- Aprovou-se a linguagem que define as relações de faculdades nazarenas de artes liberais com a denominação.

- Confiaram-se ao Departamento de Educação e Ministério os assuntos respeitantes a pessoal para ministérios múltiplos.

- Pediu-se aos superintendentes gerais que estudem o processo da distribuição de subsídios para as Missões Domésticas.

- Aprovou-se o alvo de 125 milhões de dólares para o Evangelismo Mundial.

- Autorizou-se o prosseguimento da Comissão sobre a internacionalização; comissionou-se a estudo uma proposta quanto ao preenchimento de vagas de superintendentes de distrito ocorridas entre assembleias distritais.

- Autorizou-se uma comissão para estudar propostas referentes a credenciais para ministros associados e leigos.

- Fez-se regressar à Junta Distrital de Estudos Ministeriais a atribuição de examinar e classificar os ministros licenciados.

- Mudou-se o nome de Sociedade Missionária Nazarena Mundial para Sociedade Nazarena de Missão Mundial.

- Pediu-se à Junta Geral que considere o aumento da percentagem que as viúvas de presbíteros recebem da pensão de seus maridos.

- A Junta Internacional de Publicações foi incorporada no Departamento de Publicações. □

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.



✓ **Qual a sua opinião acerca de abrir a Bíblia à sorte para encontrar versículos que mostrem a vontade de Deus em decisões importantes da vida? Que relação terá com “buscar um sinal” usado pelos sacerdotes do Velho Testamento?**

Discordo com a prática de abrir a Bíblia à sorte para buscar a direcção de Deus. O Senhor tem muitos outros meios para guiar Seu povo.

As chamadas “portas providenciais” têm ajudado a compreender esta doutrina. Mas, mesmo com elas, tal direcção tem de ser confirmada pelas Escrituras ou por um toque do Espírito Santo.

O perigo reside em escolher a nossa maneira de provar Deus, como jovens que declaram: “Atiremos uma moeda ao ar; se cai de caras para cima, iremos à festa; se de cruzes, ao jogo; e se cai de lado, estudaremos”.

O “Urim” e o “Tumim” do Velho Testamento (dados ou sinais usados para determinar a vontade de Deus) pertencem a categoria diferente. Deus permitiu esses sinais pela ausência da Palavra de Deus escrita e pela falta de dispensação do Espírito Santo.

Não é fácil determinar a direcção pessoal, pelo que “provai os espíritos” (I João 4:1) ou impressões recebidas.

Uma das melhores formas de o fazer é apresentada por Martin Well Knapp: “Examinemos cada inspiração do Espírito com quatro perguntas:

1. É bíblica?
2. É racional?
3. É moralmente correcta?
4. É providencial?”

Eu acrescentaria mais uma do Dr. Stanley Jones: “Desconfie de qualquer impulso ou direcção em desacordo com o carácter e a vida de Cristo. Na dúvida, faça o que mais se assemelha a Cristo e não se enganará”.

✓ **Terá Deus forma, figura ou corpo? Gostaria de saber se Cristo ainda conserva o corpo visível com que subiu ao céu.**

À primeira parte sempre os teólogos cristãos

têm respondido negativamente.

Jesus Cristo disse: “Deus é Espírito” (João 4:24). Espírito e corpo são termos que não se podem comparar.

No Velho Testamento as referências aos olhos, mãos, braços, ouvidos, constituem o que os estudiosos da Bíblia denominam “antropomorfismos” — atribuir qualidades humanas a Deus. Tais faculdades não devem ser interpretadas à letra, como no caso do Salmo 91:4 que fala das penas e das asas do Senhor.

Os antropomorfismos encerram certa verdade acerca das relações de Deus com a Sua criação: vigilância, cuidado, oração.

Da mesma forma, no Velho Testamento são mencionadas várias ocasiões em que Deus apareceu aos homens com figura visível. Estas são conhecidas como “teofanias” (aparições ou revelações de Deus).

As teofanias não foram incluídas para serem interpretadas materialmente. Cristo declarou: “Deus nunca foi visto por alguém” (João 1:18; 5:37; 6:46). O apóstolo Paulo falou do “Deus invisível” (Colossenses 1:15; I Timóteo 1:17), “a quem nenhum dos homens viu nem pode ver” (I Timóteo 6:16). Em João 4:12 lemos: “Ninguém jamais viu a Deus”.

Quanto ao corpo de Jesus, penso que tem o mesmo de quando subiu ao céu. Na encarnação, o Verbo eterno se fez Homem. Trinta e três anos depois da ascensão, Paulo escreveu: “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (I Timóteo 2:5).

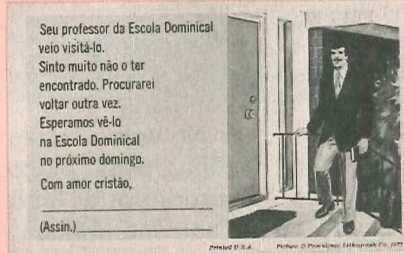
No entanto, recordemos que Cristo no Seu corpo ressurrecto só foi visto pelos discípulos (Actos 10:40-41). Quando desejou revelar-Se, fê-lo. Como testemunha apareceu e desapareceu de modo completamente sobrenatural.

Jesus Cristo será visível a todos quando regressar para o juízo: “Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o trespassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele” (Apocalipse 1:7). Até lá, apenas será visível com os olhos da fé. □

Para uma Escola Dominical EFICIENTE, Material de 1a. qualidade



PC-504



PC-507



PC-502



PC-511



PC-503

CARTÕES-POSTAIS
(a quatro cores)
Cada Pacote de cem—U.S.\$2.40

PARA CRIANÇAS:

Jardim de Infância
Assinatura anual—U.S.\$2.00

Gotas de Ouro
Assinatura anual—U.S.\$2.00

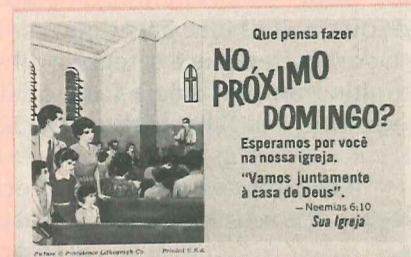
PARA JOVENS E ADULTOS:

O Caminho da Verdade
(para professores)
Assinatura anual—U.S.\$2.00

Alunos
Assinatura anual—U.S.\$1.50



PC-509



PC-501

Para Estudo
MAPAS E ESQUEMAS BÍBLICOS
—U.S.\$5.00



Pedidos à
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES**